



23/10/2025 | Campus Ijuí



MAQUETE COMO ESTRATÉGIA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL: Ambiente Sustentável *versus* Ambiente Não Sustentável

Eunice Moara Matte¹
Vitória Emanuele dos Santos de Mello²
Thaís Sabrina Sathes Alcântara³
Sarah Tallita dos Santos Soares⁴

Instituição: Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes

Modalidade: Relato de Pesquisa

Eixo Temático: Ciências da Natureza e suas Tecnologias

¹ Professora de Ciências da Natureza

² Estudante de 8º ano

³ Estudante de 8º ano

⁴ Estudante de 8º ano



1. Introdução:

A educação ambiental é um dos pilares para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. O uso de maquetes como meio de conscientização ambiental, é uma ferramenta pedagógica importante, acessível e eficaz, que permite trabalhar diversos conceitos, muitas vezes que parecem distantes, estimulando a criatividade, o pensamento crítico, e promovendo o envolvimento dos estudantes com questões ambientais de forma prática e significativa. Podem ser representados diversos temas relacionados, como biomas, ecossistemas, ambientes preservados e poluídos, processos de poluição, impacto dos processos de poluição, recursos e soluções mais sustentáveis, além de uma infinidade de outros cenários que trazem à luz a discussão sobre a importância da preservação e recuperação do meio ambiente, facilitando a compreensão e a discussão, consolidando o processo ensino-aprendizagem sobre temas atuais e relevantes.

Neste contexto, uma maquete representando dois ambientes, sendo um preservado, que utilize recursos sustentáveis e um degradado, poluído e não sustentável, pode ser uma forma didática e envolvente de impactar positivamente o aprendizado, o pensamento crítico e estimular a proatividade dos estudantes que participam da produção, assim como o público que assistem ao trabalho.

Segundo Dias (2004), a Educação Ambiental deve ser contínua e voltada à compreensão das relações entre sociedade e natureza. Jacobi (2003) destaca a importância de metodologias participativas para o engajamento dos estudantes. A construção de maquetes permite a contextualização e a visualização de conceitos complexos, favorecendo a aprendizagem significativa (Ausubel, 2000). De acordo com Loureiro (2012), a sensibilização é um passo essencial para mudanças de comportamento, e recursos visuais e táteis podem potencializar esse processo. O trabalho prático com maquetes também contribui para habilidades de trabalho em grupo, criatividade, resolução de problemas e raciocínio espacial. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam a necessidade de inserir temas ambientais de forma interdisciplinar, tornando esta proposta alinhada às diretrizes educacionais.

Como objetivos de nosso projeto, destacamos analisar o quanto a construção de maquetes representando ambientes preservados e degradados pode contribuir para a conscientização ambiental de alunos do Ensino Fundamental e ser um aliado na Educação Ambiental. Entender se a utilização de maquetes facilita a compreensão das diferenças entre ambientes sustentáveis e degradados e se tais abordagens práticas estimulam o interesse dos estudantes e podem promover mudanças de comportamento em relação ao meio ambiente.



2. Procedimentos Metodológico:

1. Pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos e de divulgação sobre ambientes sustentáveis e degradados.

2. Seleção de materiais recicláveis e sustentáveis para a construção das maquetes e o desenvolvimento da maquete com duas partes: uma representando um ambiente preservado e sustentável e outra um ambiente degradado.

Materiais recicláveis, reutilizáveis e naturais envolvem o uso de itens, em geral, descartados em nossas casas para criar as representações em miniatura. Entre os materiais recicláveis pode-se plástico, papelão, isopor, garrafas PET; potinhos, caixinhas, frascos, etc (muitos recicláveis, mas também reutilizáveis) e materiais naturais, como vários encontrados na natureza (galhos, folhas, musgos, pedras, areia) ou descartados em nossa rotina (erva mate, borra e filtro de papel, por exemplo). Além desses, foram utilizados instrumentos e materiais adicionais como tesouras, pincéis, tinta e cola.

3. Apresentação das maquetes e discussão com alunos e professores na escola, seguida de debate e reflexão, com registro fotográfico e elaboração de relatório final pelos estudantes.

3. Resultados e Discussões

O uso de maquetes mostrou-se uma metodologia promissora para o ensino de Educação Ambiental, proporcionando uma experiência prática e significativa aos estudantes. Claramente, a produção da maquete foi um estímulo ao envolvimento com o assunto abordado, à busca soluções criativas, ao desenvolvimento do trabalho em grupo e à reflexão crítica, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e pró ativos na preservação do meio ambiente de forma consciente. Esta prática permitiu que os alunos visualizassem e compreendessem de forma mais concreta os impactos da ação humana sobre o meio ambiente, fortalecendo o aprendizado e incentivando a preservação.

4. Conclusão

Percebeu-se que é uma metodologia de extrema importância em diversos níveis e para o desenvolvimento de diferentes habilidades, que espera-se que estudantes desenvolvam na escola e para a vida.

5. Referências

AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2000.

9º MoEduCiTec

Mostra Interativa da Produção Estudantil
em Educação Científica e Tecnológica
O Protagonismo Estudantil em Foco

III Mostra de Extensão Unijuí



23/10/2025 | Campus Ijuí



DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica. Cortez, 2012.

SANTOS, A. et al. A importância da educação ambiental no ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 15, n. 3, 2020.

SILVA, M. & PEREIRA, R. Metodologias ativas e educação ambiental: o uso de recursos didáticos. Revista Educação e Sustentabilidade, v. 12, n. 1, 2021